

Grupo Informal de História Medieval  
Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal  
[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)

## ***Incipit 6***

# ***Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017***

COORDENADORES

**André Silva**

*CITCEM – Universidade do Porto*

*CIDEHUS – Universidade de Évora*

**Carlos Teixeira**

*CITCEM – Universidade do Porto*

**João Martins Ferreira**

*CEPESE – Universidade do Porto*

**Leandro Ferreira**

*CEPESE – Universidade do Porto*

**Mariana Leite**

*Instituto de Filosofia – Universidade do Porto*

Porto, 2018

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-54104-2-2

**Apoio:**

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

**F**

Instituto de Filosofia



**U. PORTO**

**AEFLUP**

## **Ficha técnica**

Título: Incipit 6. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

Coordenadores: André Silva, Carlos Teixeira, João Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Mariana Leite

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2018

ISBN: 978-989-54104-2-2

Capa: Flávio Miranda

Composição e paginação: André Silva

Grupo Informal de História Medieval  
Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)

## **Representações da aristocracia nas crônicas de Pero López de Ayala e Fernão Lopes: apresentação de um projeto de dissertação de mestrado**

*Pedro Monteiro*  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

### **Resumo**

Apresentamos, com este artigo, o nosso projeto de dissertação de mestrado. Abordando especialmente questões metodológicas, esperamos explicitar como pretendemos analisar as representações da aristocracia na *Crónica de Don Juan I* e na *Crónica de Don Enrique III*, do cronista castelhano Pero López de Ayala, comparativamente às duas partes da *Crónica de Dom João I*, de Fernão Lopes. Assim, focando-nos, num primeiro momento, em questões ligadas ao léxico, esperamos enquadrar as figuras aristocráticas no seu grupo social e na função que desempenham nas narrativas, para, num segundo momento, passarmos a um estudo das relações que se estabelecem entre essas figuras, dentro das obras, sobretudo tendo em vista as divisões sociais e de oposição ao poder régio.

### **Palavras-chave:**

Historiografia medieval; Aristocracia; Fernão Lopes; Pero López de Ayala

### **Abstract**

The present article presents our master's degree thesis project. Essentially based on methodological questions, it is proposed to analyze the representations of the aristocracy in three chronicles of two different chroniclers: Don Juan I and Don Enrique III chronicles, written by Pero López de Ayala; and the two parts of Dom João I chronicle, by Fernão Lopes. In order to do that, I have started by analyzing some lexical subjects, so that the aristocratic figures could be framed not only in their social group, but also inside the narrative. Also, it is important to focus on the relations between those figures, especially in what concerns the resistance to the royal power and the internal social divisions.

### **Keywords:**

Medieval historiography; Aristocracy; Fernão Lopes; Pero López de Ayala

## INTRODUÇÃO

O projeto de dissertação de mestrado que aqui apresentamos tem como objetivo uma análise comparada de parte da crónica de Pero López de Ayala e Fernão Lopes, no que às representações da aristocracia diz respeito.<sup>1</sup> Deste modo, partiremos de algumas aceções feitas pela historiografia que se debruçou sobre a aristocracia ibérica tardo-medieval e sobre a crónica destes dois autores, de forma a questionar parte das ideias veiculadas, propondo novas leituras e interpretações. Nesse sentido, esta dissertação funciona sobretudo como um *case study* teórico-analítico. De forma a apresentarmos uma sequência lógica do que nos propomos a fazer, começamos por abordar as questões ligadas à escolha das fontes e enquadramento historiográfico sobre ambos os cronistas, para, no fim, salientarmos as questões orientadoras desta dissertação, traçando os principais objetivos que pretendemos ver esclarecidos.

---

<sup>1</sup> Devemos realçar que este artigo resulta de uma dissertação que, à data da escrita e apresentação deste texto (6 de abril de 2017), estava ainda em fase de desenvolvimento. Assim, abordaremos, sobretudo, questões metodológicas e de desenvoltura do próprio projeto, não abordando tão detalhadamente conclusões finais da dissertação.

## FONTES E ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Quanto às fontes que selecionamos para o nosso estudo, são apenas uma parte da obra cronística tanto de Ayala como de Fernão Lopes. Optamos por nos cingir ao que é historiografado para os anos finais do século XIV, ou seja as crónicas de D. Juan I e de Enrique III<sup>1</sup> do cronista castelhano e as duas partes da *Crónica de D. João I*,<sup>2</sup> do cronista português. Esta opção estratégica explica-se tanto pela impossibilidade de numa dissertação de mestrado tratarmos toda a obra cronística de ambos, como também pela necessidade de procurarmos campos novos de estudo, dentro de um tema global já tão estudado pelos especialistas quer do âmbito filológico-literário, quer do histórico. Assim, relativamente a Pero López de Ayala, a *Crónica de Dom Pedro I e Don Enrique II*, bem como a *Crónica de Don Juan I* são aquelas sobre as quais mais estudos se têm realizado, deixando a incompleta *Crónica de Don Enrique III* como um terreno onde mais se deixa sentir a urgência de desbravamento. Por comparação, também no que diz respeito aos trabalhos sobre Fernão Lopes, parece-nos que englobar a segunda parte da *Crónica de Dom João I* pode ser uma mais valia, na medida em que é certamente a parte menos tratada do conjunto da sua obra historiográfica.

A opção por estes textos que narram o que acontece em Portugal e Castela entre sensivelmente 1382-1410 prende-se também com a própria conjuntura histórica que se viveu por esses anos na Península Ibérica, sendo que no caso do cronista português há ainda que ter em mente a conjuntura que envolve a sua redação, isto é, 1420-1445, aproximadamente. A análise da forma como Pero López de Ayala e Fernão Lopes representaram a aristocracia durante este conturbado período da história das relações entre Portugal e Castela, bem como o que lhe sucedeu e as diversas tentativas de paz entre os dois reinos, parecem-nos então a melhor cronologia para aferirmos acerca das representações aristocráticas na obra daqueles dois cronistas.

Passemos com isto a um breve enquadramento historiográfico no que diz respeito aos estudos sobre os dois cronistas que são a base deste estudo. Tanto os estudos que se debruçam sobre Pero López de Ayala como os que têm como objeto a cronística de Fernão Lopes são vastíssimos e abrangem os mais variados enfoques de análise, facto que decorre do interesse generalizado tanto pelos estudiosos da literatura, pela riqueza da criação narrativa de ambos os cronistas, como pelos estudiosos da história, visto que Ayala e Fernão Lopes são as principais fontes para um estudo sobre os finais do século XIV em Portugal e Castela. Este enquadramento será feito tendo em conta alguns estudos que nos parecem ser os mais significativos e aprofundados em torno dos dois cronistas, ao mesmo tempo que será uma análise intencionalmente parcial, focada no que nessas obras é apresentado sobre a aristocracia e a nobreza. Faremos esta análise de duas formas distintas: enquanto para Ayala apresentaremos uma visão mais temática, dividida em blocos, para Fernão Lopes tentaremos realizar uma análise cronológica da evolução dos estudos sobre a sua cronística.

---

<sup>1</sup> Pero López de Ayala, *Crónicas de los Reyes de Castilla: Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, Don Enrique III*, ed. Eugenio Llaguno (Madrid: Imprenta de D. Antonio de Sancha, 1779-1780), vol. 2. Devemos referir que usaremos esta edição preparada no século XVI por Jerónimo Zurita, mas só publicada dois séculos depois, com acrescentos e notas de Llaguno, por ser a base de todas as edições que se fizeram desde então, com exceção de uma edição crítica da *Crónica de Don Juan I*, feita por Jorge Norberto Ferro, de difícil acesso, e que poderia, eventualmente, constituir um obstáculo à compreensão do leitor. A edição de Zurita baseia-se na versão vulgar das crónicas, ainda que, muitas vezes, surjam comentários em rodapé, de Llaguno, que remetem para pequenas diferenças entre esta versão e a versão abreviada. Uma edição crítica da *Crónica de Don Enrique III* está também a ser preparada. Cf. Jose Luis Moure, “A cuatrocientos años de un frustrado proyecto de Jerónimo Zurita: la edición de las crónicas del Canciller Ayala”, *Cuadernos de Historia de España* LXIII-LXIV (1980), 256-292.

<sup>2</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno (Porto: Livraria Civilização, 1983), 2 vols.

Ao contrário do que veremos para Fernão Lopes, os estudos que se foram desenvolvendo sobre a figura de Ayala e sobre a sua escrita não parecem tão contaminados por propósitos ideológicos afincados, o que se explica em parte pela própria temática desenvolvida por esse cronista. Ayala é um nobre que apresenta uma visão da história baseada no seu conhecimento empírico da realidade sobre a qual escreve. É, em simultâneo, autor e personagem das suas crónicas, não descrevendo uma “revolução popular” que possa ser entendida de acordo com as afeições partidárias dos estudiosos da segunda metade do século XX. Assim, há um ponto que é amplamente aceite pela bibliografia sobre Ayala que aqui apresentamos: este cronista é um homem de uma casta social privilegiada, que apresenta a sua visão da história tendo, precisamente, em conta os desígnios do seu grupo – afeto à dinastia Trastâmara que, à custa deste apoio, cresceu exponencialmente.<sup>1</sup>

Igualmente de forma oposta ao que vemos para o cronista português, os autores que se debruçaram sobre a escrita de Ayala procuraram enquadrá-lo no seu tempo e, a partir daí, perceber os propósitos da sua escrita e dos seus mecanismos. É certo que, como dissemos já, são moldes distintos: Ayala escreve sobre o que vivenciou; Fernão Lopes não. Ayala pertence à nobreza, estando, portanto, bem documentado nas fontes da época; Fernão Lopes seria certamente originário de uma classe popular e grande parte da sua vida permanece envolta em sombras. Ainda assim, afigura-se mais evidente a tentativa de compreensão da crónica ayalina como um produto do seu tempo e da sua formação erudita, do que comparando com os trabalhos sobre o cronista português. Neste sentido, devemos salientar a obra de Franco Meregalli, que pretende exatamente posicionar a atuação política de Ayala como fermento da sua escrita da história.<sup>2</sup> A mesma lógica vê-se também nas obras de Luis Suárez Fernández – ainda que de cunho mais histórico. Este autor procura perceber o percurso pessoal de Ayala, para daí tirar ilações sobre a sua produção artística.<sup>3</sup> Devemos ainda salientar os vários trabalhos de Michel Garcia, que também olham para a escrita de Ayala através desta perspetiva, refletindo primeiro acerca da biografia e da cultura envolvente do sujeito cronista, para daí partir para a sua escrita.<sup>4</sup> Enfim, também na principal obra de síntese de Germán Orduna sobre este cronista, encontramos um capítulo sobre a cultura literária de Ayala,

---

<sup>1</sup> Fernando Gómez Redondo, “Las crónicas reales: siglos XIV-XV”, em *La prosa y el teatro en la Edad Media*, ed. Carlos Alvar, Ángel Gómez Moreno e Fernando Gómez Redondo (Madrid: Taurus, 1991), 46.

<sup>2</sup> Na introdução, o autor diz mesmo que “Se ha escrito mucho, demasiado, a propósito del problema de la veracidad o no del Canciller como historiador; poco, casi nada sobre sus ideas y su actuación política. Se «juzgó» a Pero López; mas poco se intentó «comprenderle»; y un juicio sin comprensión no puede ser sino superficial, y por ende injusto.” Franco Meregalli, *La vida política del Canciller Ayala* (Milano: Instituto Editoriale Cisalpino, 1955), 5-6.

<sup>3</sup> Luis Suárez Fernández, *El Canciller Pedro López de Ayala y su tiempo (1332-1407)* (Vitoria: Imp. Montepio Diocesano, 1962); Luis Suárez Fernández, “Castilla (1350-1406)”, em *España Cristiana crisis de la reconquista luchas civiles*, 5ª ed. (Madrid: Espasa-Calpe, 1991), 1-378.

<sup>4</sup> “Nos inducen a considerarla (la exclusiva personalidad de Pero López) como fruto de una elaboración colectiva y expresión de un grupo social homogéneo. Ese grupo, desde luego, no ha sustituido al cronista para escribir la obra, y éste ha tenido entera libertad para adornar su relato como le parecía. Sin embargo, el marco en el que vive y trabaja Pero López es bastante apremiante: despotismo de la tradición, del contexto ideológico, de la interpretación oficial de la historia reciente.” Michel Luis García, *Obra y personalidad del Canciller Ayala* (Madrid: Alhambra, 1983), 203. Ou ainda: “Toda la vida de Pero López de Ayala está colocada bajo el signo de la cultura.” Michel Luis García, “Biografía del Canciller Ayala”, em *La figura del Canciller Ayala*, ed. Michel Luis García et al. (Vitoria: Diputación Foral de Álava, 2007), 10. E também: “Todo lo que le ocurría personalmente le inspiraba alguna reflexión útil para la comunidad, como si su propio destino no tuviera sentido fuera del espacio común.” Michel Luis García, Introducción a la obra del canceller Pero López de Ayala y a la cultura de su tiempo, em *La figura del Canciller Ayala*, ed. Michel Luis García et al. (Vitoria: Diputación Foral de Álava, 2007), 172.

isto é, uma revisão crítica desde a sua formação intelectual, passando também pelas várias obras que traduziu e que influenciaram a sua historiografia.<sup>1</sup>

Dos títulos que apresentámos já, há que retirar uma conclusão – todos se debruçam especialmente ou sobre a totalidade das obras de Pero López de Ayala ou, quando tratando apenas a cronística, é essencialmente a *Crónica de Don Pedro e de Don Enrique II* alvo de consideração. Com efeito, Germán Orduna dedicou parte dos seus trabalhos a este texto, tendo sido mesmo pioneiro na teoria de que os dois textos independentes se tratariam antes de uma única crónica.<sup>2</sup> Mais recentemente, Covadonga Valdaliso Casanova desenvolveu também um estudo sobre esta crónica e o seu cunho legitimador de uma perspetiva propagandística e retórica.<sup>3</sup> Por fim, salientamos a importância dos estudos de Jorge Norberto Ferro, discípulo direto de Germán Orduna, por ser o nome que atualmente mais trabalha sobre a *Crónica de Don Juan I* e a *Crónica de Don Enrique III*.<sup>4</sup> O seu enfoque nestas crónicas permite, em certa medida, verificar que no conjunto da obra do Chanceler, mesmo que a historiografia seja o género mais estudado, a discrepância na quantidade de trabalhos sobre as diferentes crónicas de Ayala é notória.<sup>5</sup>

Olhando agora para a bibliografia sobre Fernão Lopes, devem ressaltar-se essencialmente dois aspetos: por um lado, estuda-se a sua cronística como forma de explorar a crise dinástica de 1383-85, assim como a ascensão ao trono do Mestre de Avis; por outro, desenvolvem-se trabalhos com o objetivo de compreender as fontes utilizadas pelo cronista, assim como a forma como fez o seu aproveitamento. Nos estudos que dedicou a Fernão Lopes, António José Saraiva defendeu sobretudo que a escrita lopeana tinha por base propósitos políticos de uma quase luta de classes entre o povo/“burguesia” e a nobreza, confronto esse que significava igualmente uma oposição entre o nacionalismo, defendido pela arraia-miúda que apoiava o Mestre, e os grandes, que suportavam a causa castelhana.<sup>6</sup> Assim, Saraiva veicula pela primeira vez a ideia de uma possível relação entre o tempo da escrita e o tempo da narração, isto é, um paralelismo entre 1383 e 1439. Nesta composição histórica, Lopes tomava então o partido dos dominados,<sup>7</sup> ao mesmo tempo que deixava de lado todo e qualquer fulgor cavaleiresco, criticando mesmo esses valores como forma de ataque à classe nobre.<sup>8</sup> Além destas

---

<sup>1</sup> Germán Orduna, *El arte narrativo y poético del Canciller Ayala* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998).

<sup>2</sup> German Orduna, “El cotejo de las versiones vulgata y primitiva como recurso para la fijación del texto cronístico del Canciller Ayala”, *Incipit VIII* (1988), 1-17.

<sup>3</sup> Covadonga Valdaliso Casanova, *Historiografía y legitimación dinástica: análisis de la Crónica de Pedro I de Castilla* (Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2010). Ainda desta autora são também de referir os seguintes artigos: Covadonga Valdaliso Casanova, “La dimensión política de la obra cronística de Pedro López de Ayala”, em *Autour de Pedro López de Ayala*, coord. Rica Amran (Paris: Indigo & côté-femmes éditions, 2009), 189-202; Covadonga Valdaliso Casanova, “La obra cronística de Pedro López de Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castilla”, *Edad Media: revista de historia* 12 (2011), 193-211.

<sup>4</sup> Jorge Norberto Ferro, “Ayala y Aljubarrota: actitud didáctica y locus doctrinal”, *Studia Hispanica Medievalia II. III Jornadas de Literatura Española Medieval* (Buenos Aires: U.C.A., Facultad de Filosofía y Letras, 1990), 58-64; Jorge Norberto Ferro, “Ayala y la aventura portuguesa de Juan I”, *Incipit* 22 (2002), 133-143; Jorge Norberto Ferro, “Observaciones sobre la intencionalidad del narrador en la Crónica de Enrique III”, *Incipit* 30 (2010); Jorge Norberto Ferro, “El cronista en su relato: Ayala presente en su Crónica de Juan I”, *Romance Philology* 64 (2010), 39-52.

<sup>5</sup> Valdaliso Casanova, “La obra cronística de Pedro López de Ayala y la sucesión monárquica en la corona de Castilla”, 194-195.

<sup>6</sup> António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal* (Lisboa: Jornal do Fôro, 1950-1962), 2: 500.

<sup>7</sup> António José Saraiva, *Fernão Lopes* (Lisboa: Europa-América, 1960), 31-34.

<sup>8</sup> “A «honra» cavaleiresca – que aqui não se distingue do «proveito» – aparece maltratada a esta luz; nenhuma outra classe se revela nas páginas do cronista tão gananciosa e oportunista, tão desprovida de ideias – ressaltando sempre a personalidade de Nun’Álvares, cujas virtudes, aliás,

questões, Saraiva disseminou ainda a ideia de que há três grandes planos na *Crónica de D. João I*, que, como referiremos de seguida, anos mais tarde seriam amplificados por Luís Sousa Rebelo.

Numa linha ainda mais radical surge a posição de António Borges Coelho, que interpreta a revolução de 1383 como um movimento da burguesia e não do povo,<sup>1</sup> posição igualmente sustentada pelo próprio cronista, devido à realidade social com a qual se identifica – ainda que isso não seja sinónimo de que o momento de crise de 1439 sirva de modelo para a descrição lopeana da crise de 1383.<sup>2</sup> Borges Coelho continua assim a ideia de que Fernão Lopes apresenta uma luta de classes, criticando fortemente a classe nobre, mesmo através da figura de Nuno Álvares Pereira, que deve ser olhada não como um herói da *Crónica de D. João I*, mas como uma figura de proa que, através das suas falhas, mostra a decadência do seu grupo e, enfim, de todo o sistema feudal.<sup>3</sup>

As duas décadas finais do século passado ficaram marcadas por um crescimento da crítica em torno de Fernão Lopes. Em 1983, Luís Sousa Rebelo desenvolve a acima referida ideia de António José Saraiva, analisando a primeira parte da *Crónica de Dom João I* tendo em conta três grandes planos – ético-político, jurídico e providencial.<sup>4</sup> No ano seguinte, é publicado o volume de Ângela Beirante,<sup>5</sup> abordagem que mais se aproxima do tipo de estudo que pretendemos realizar, ainda que apresente algumas lacunas que hoje, passados mais de trinta anos, poderemos tentar rever e preencher. Neste estudo, a autora desenvolve um processo argumentativo de forma a colocar-se nos antípodas do que é apresentado por António José Saraiva, defendendo, portanto, que o povo não é o sujeito de nenhuma das crónicas de Fernão Lopes e que, em última instância, o cronista não faz mais do que uma apologia do grupo aristocrático.<sup>6</sup> Na mesma linha, encontra-se João Gouveia Monteiro, quando explica que Fernão Lopes não pretendia demonstrar uma subversão da ordem estabelecida, pois tinha presente os ideais cavaleirescos como fundo imagético do seu plano de escrita, o que faz com que a figura de Nuno Álvares Pereira seja então apresentada como um modelo a seguir pelo restante grupo nobiliárquico.<sup>7</sup> Já no início da década seguinte, Margarida Garcez Ventura desenvolveu um estudo em torno da figura do Mestre de Avis e da sua ascensão ao longo da primeira parte da *Crónica de D. João I*. Ainda que defenda que a figura do Mestre só surja como verdadeira alternativa ao trono português nessa mesma crónica – ideia que, como de seguida veremos, está já ultrapassada –, este estudo é relevante para a nossa análise, uma vez que também chama a atenção para a preponderância das personagens nobres, assim como para o entendimento global da criação que Fernão Lopes faz do próprio Mestre de Avis.<sup>8</sup>

De forma a terminarmos este breve enquadramento historiográfico, devemos ainda salientar dois nomes – Teresa Amado e Filipe Alves Moreira. Num momento em

---

evidenciam, pelo contraste, os defeitos gerais dos seus pares.” António José Saraiva, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, 5<sup>a</sup> ed. (Lisboa: Gradiva, 1998), 196.

<sup>1</sup> “O povo é a carne e o sangue de todas as revoluções. Em 1383 a direção no cume não esteve nas suas mãos.” António Borges Coelho, *A Revolução de 1383*, 5<sup>a</sup> ed. (Lisboa: Editorial Caminho, 1984), 122.

<sup>2</sup> Coelho, *A Revolução de 1383*, 52-54.

<sup>3</sup> Coelho, *A Revolução de 1383*, 137-141.

<sup>4</sup> Luís de Sousa Rebelo, *A conceção de poder em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1983).

<sup>5</sup> Maria Ângela Beirante, *As estruturas sociais em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984).

<sup>6</sup> “Os agentes históricos em F. Lopes são fundamentalmente os nobres. Os não nobres apenas entram nas crónicas quando servem os objetivos daqueles. (...) Por tudo isto, não podemos aceitar a afirmação de que F. Lopes tenha sido um cronista do povo. Ele foi sim o grande cronista de uma revolta em que tomou parte o povo, mas cujo objetivo era impor um rei que ele concebe de acordo com um esquema tradicional e conservador.” Beirante, *As estruturas sociais em Fernão Lopes*, 98-99.

<sup>7</sup> João Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto* (Coimbra: Livraria Minerva, 1988), 127-128.

<sup>8</sup> Margarida Garcez Ventura, *O Messias de Lisboa: Um estudo de mitologia política (1383-1415)* (Lisboa: Edições Cosmos, 1992), 18-25.

que os estudos em torno de Fernão Lopes pareciam extremar-se em partidos, Teresa Amado desenvolveu os seus inúmeros trabalhos acerca da sua cronística, analisando sobretudo a intertextualidade das suas obras com os textos de Ayala e com a *Crónica do Condestável*.<sup>1</sup> Além disto, esta autora vem novamente colocar Fernão Lopes na sua época, equacionando a hipótese da descrição da crise de 1383-1385 ter sido feita à luz da própria crise social que se vivia nas vésperas de Alfarrobeira, equilibrando ainda as tendências que pretendiam salientar uma visão muito populista ou, por oposição, muito cavaleiresca das narrativas lopeanas.<sup>2</sup>

Depois de vários anos em que o estudo de Fernão Lopes fora intenso e da desenvoltura dos trabalhos de Teresa Amado, hoje em dia, a discussão em torno de temáticas lopeanas parece ter abrandado, ao mesmo tempo que há uma grande dispersão e redundância nos trabalhos realizados, tanto em Portugal como no Brasil, apesar da existência de alguns interessantes estudos. Ainda assim, os estudos de Filipe Alves Moreira são uma das exceções: tentando primeiro comprovar que a *Crónica de 1419* faz também parte de um projeto historiográfico encomendado a Fernão Lopes,<sup>3</sup> demonstrou que a trilogia lopeana – *Crónica de D. Pedro*, *Crónica de D. Fernando* e *Crónica de D. João I* – funciona como um caminho justificatório para a eleição do Mestre de Avis nas cortes de Coimbra e, portanto, para a iniciação de uma nova dinastia em Portugal.<sup>4</sup>

## OBJETIVOS, METODOLOGIA E UMA POSSÍVEL ESTRUTURA DO TRABALHO

Apresentamos de seguida os principais objetivos desta dissertação e as questões base que hão de nortear a nossa análise. Deste modo, propomo-nos a tentar perceber como é apresentada a aristocracia nestas duas crónicas régias, analisando, para isso, as figuras aristocráticas mais destacadas. Assim, tentaremos compreender as razões para as possíveis distinções dentro da narrativa (mérito militar, proximidade aos monarcas, serviço ao rei, entre outros aspetos). É importante, portanto, compreendermos de que forma os cronistas apresentam a distinção social dentro da aristocracia e qual o valor e a importância da aplicação de determinados termos associados a algumas figuras. Interessa-nos, ao mesmo tempo, estudar o tipo de ligação apresentada entre a aristocracia e a realeza: neste caso específico, as figuras de Don Juan I e Don Enrique III nas crónicas ayalinas, assim como Dom João I, no segundo volume da *Crónica de Dom João I*, de Fernão Lopes, analisando as estratégias de aproximação da aristocracia perante a realeza e de que forma agem os monarcas perante aquele grupo.

De forma a tratarmos estas problemáticas, seguiremos, portanto, uma metodologia interdisciplinar que combina as vertentes literária e histórica. De facto, estudar um texto historiográfico é precisamente colocarmo-nos na senda destes dois campos. Vejamos: uma crónica merece a atenção da vertente literária na medida em que não deixa de ser texto narrativo, ainda que se assuma como factual e verdadeiro, pretendendo ser uma representação do real; e, porque as crónicas têm como objeto a

---

<sup>1</sup> Teresa Amado, *Fernão Lopes contador de História: sobre a Crónica de D. João I* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997).

<sup>2</sup> Cf. nota anterior, mas ainda: Teresa Amado, “Fernão Lopes”, em *História da Literatura Portuguesa*, ed. Francisco Lyon de Castro (Lisboa: Publicações Alfa, 2001), vol I, 437-477; Teresa Amado, “Os pensamentos do cronista Fernão Lopes”, *eHumanista* (2007), vol. 8, 133-142; Teresa Amado, *O Passado e o Presente – Ler Fernão Lopes* (Lisboa: Editorial Presença, 2007); Teresa Amado, “Fernão Lopes”, em *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*, ed. Graeme Dunphy (Leiden: Brill, 2010), vol. 2, 1044-1045.

<sup>3</sup> Filipe Alves Moreira, *A Crónica de 1419: fontes, estratégias e posteridade* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013).

<sup>4</sup> Filipe Alves Moreira, “Fernão Lopes: escatologia e ironia”, em *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, org. Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Loia (Lisboa: Nota de Rodapé Edições, 2015), Tomo 1, vol. 2, 158-170.

representação da história, sentido faz que se atentem às condições extratextuais, como a formação do seu autor, o contexto que o envolve, ou ainda, os seus objetivos.<sup>1</sup>

Iniciámos este projeto com uma ampla pesquisa bibliográfica circunscrita a quatro grandes temas: estudos sobre a obra de Pero López de Ayala; o mesmo para Fernão Lopes; a aristocracia tardo-medieval castelhana; e a aristocracia de finais da Idade Média em Portugal. Depois de reunida uma sólida base de bibliografia secundária, iniciámos a análise detalhada das fontes primárias, análise para a qual decidimos realizar uma base de dados que nos auxiliaria a fazer o levantamento das figuras aristocráticas intervenientes em cada uma das obras em estudo, assim como a perceber a sua possível evolução ao longo da narrativa. Entre os campos destas bases de dados, contam-se o nome, a família, o(s) título(s), o(s) cargo(s), as fidelidades, a caracterização – isto é, onde inserimos todas as passagens que caracterizem o caráter ou o físico dessas figuras, assim como um campo amplo, no qual apontámos as suas principais ações ao longo das crónicas. Esta base de dados teve ainda como objetivo auxiliar-nos na perceção da representação das relações dentro deste grupo social e dele com os monarcas que optámos por tratar – Dom João I, Don Juan I e Don Enrique III.

Assim, de modo a respondermos aos objetivos que enunciámos já e tendo em conta a metodologia que descrevemos acima, apresentamos, seguidamente, uma possível divisão da dissertação, formada por três grandes partes. Um primeiro capítulo será dedicado à contextualização das obras e dos cronistas no seu tempo de escrita. Ainda que as crónicas que pretendemos analisar se reportem aos finais do século XIV e, tendo em conta o que referimos a nível metodológico, não nos parece despropositado apresentar uma análise geral das principais conjunturas que marcaram esse século e também a primeira metade do século seguinte, de modo a melhor entendermos de que forma esses acontecimentos têm importância para a construção destes textos historiográficos.

Depois deste capítulo inicial, a segunda parte será dedicada ao léxico, e estará dividida em duas subpartes. Num primeiro momento analisaremos a forma como é apresentada a hierarquia social dentro do grupo aristocrático dentro de cada uma das narrativas. De uma forma geral, tentaremos perceber quem são afinal estas figuras, qual o seu peso e como é que os cronistas a eles se referem, para daí tirar conclusões acerca das representações deste grupo. Dentro do mesmo capítulo, mas num segundo momento, analisaremos a adjetivação utilizada para caracterizar estas figuras – surgem muitas e variadas descrições? São elementos tipificados? Qual a importância destas características para a própria construção das figuras?

O terceiro e último capítulo da dissertação debruçar-se-á sobre as relações estabelecidas a partir do grupo aristocrático, olhando, neste caso específico, para as divisões entre grupos de apoio, como um elemento constante e estruturante das narrativas, tendo em conta os objetivos de ambos os cronistas. Assim, focar-nos-emos nas relações entre o grupo aristocrático e o poder régio, dividindo o capítulo em duas partes: num primeiro momento, analisaremos as questões em torno do conselho de Don Juan I e a representação de duas figuras na *Crónica de Don Enrique III*; e, num segundo momento, voltaremos a nossa atenção sobretudo para a segunda parte da *Crónica de Dom João I* de Fernão Lopes. Neste último capítulo, cingir-nos-emos, dentro do grupo aristocrático, apenas a algumas figuras que escolhemos tratar, por nos parecerem os melhores exemplos a referir, tendo em conta os objetivos que definimos já.

---

<sup>1</sup> “My emphasis on the text’s social site stems from my belief that the power and the meaning of any given set of representations derive in large part from their social context and their relation to the social and political networks in which they are elaborated.” Gabrielle M. Spiegel, *The Past as Text. The theory and practice of Medieval Historiography* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997).

## REPRESENTAÇÃO DA ARISTOCRACIA NAS CRÓNICAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Tendo em conta o desenvolvimento atual da nossa investigação, podemos avançar que a representação de determinadas figuras nas crónicas de Ayala e Fernão Lopes diverge tendo em conta não só o seu estatuto social, como também a importância que têm dentro das narrativas; todavia, por outro lado, o destaque dado a determinadas figuras não depende em nada da sua posição hierárquica. É certo que nas narrativas ayalinas são as figuras de topo aristocrático as que mais se destacam, juntamente com uma nobreza de segundo estrato, que ocupa claramente o seu papel no desenrolar das narrativas, de forma a transmitir os objetivos do cronista. É este grupo que está em constante oposição tanto com a parentela régia, que procura afirmar o seu poder nos momentos em que realza se enfraquece, como também com os maiores magnates, pouco moderados na forma de aconselhar os monarcas, que representam o melhor exemplo de uma aristocracia absorvida nos seus próprios desígnios e vontades, desejosa de aumentar a sua honra através de qualquer meio.

Fernão Lopes individualiza mais as figuras, dando-lhes características físicas e morais. Ainda assim, a tipificação é também um lugar comum. Enquanto em Ayala surgem muito mais grupos que se movimentam em bloco um pouco ao longo das duas narrativas e que, conseqüentemente, representam uma mundivisão de valores que o cronista pretende realçar ou condenar, tendo em conta a sua própria visão política e o conhecimento da realidade social que vivenciou, em Fernão Lopes, apesar da divisão em grupos e facções ser também um importante motor da narrativa, conseguimos, com mais facilidade, atentar nas figuras como unidade desses mesmo grupos. Contudo, isto não impede que esta individualização seja apenas aparente, na medida em que a caracterização das figuras é feita tendo em conta *topoi*, de acordo com os propósitos do cronista. Ao longo da *Crónica de Dom João I*, Fernão Lopes destaca e caracteriza diversas figuras, quer tenham apoiado o Mestre de Avis, quer se tenham posto do lado de Don Juan de Castela, um destaque essencialmente sócio-militar. No caso de figuras que estiveram do lado castelhano, estas caracterizações multiplicam-se em momentos prévios a enfrentamentos militares, vencidos pelas tropas portuguesas, enaltecidas assim pelas vitórias contra os melhores dos castelhanos. Do mesmo modo, vemos também como nos textos de Ayala os mesmos modelos se vão repetindo: nomeadamente através do facto de surgirem positivamente caracterizados apenas os homens castelhanos e portugueses que se colocaram do lado do rei de Castela, durante a crise de 1383-1385.

Enfim, um considerável número de figuras aristocráticas é então destacado nos textos de ambos os cronistas, através da caracterização, sendo que apenas a partir deste aspeto se podem tentar retirar ilações relativas às representações da aristocracia e à importância destas questões no contexto global das narrativas ayalinas e lopeanas. São estas figuras que, colocadas no tabuleiro de xadrez político peninsular de finais do século XIV, se movem de campo de apoio em campo de apoio, procurando, na grande maioria das vezes, o engrandecimento pessoal através da afirmação da sua influência perante os monarcas. Uma aristocracia dividida, plástica no que aos apoios dizem respeito, e ambiciosa, quer face à figura do rei, quer face a outros poderosos. As representações deste falso grupo em Ayala servem, assim, para reavivar o papel de uma das partes em confronto perante a realza, tendo em conta uma outra facção, que deveria ser afastada do poder de decisão. Na segunda parte do texto de Fernão Lopes, pelo contrário, atesta-se o poderio da realza face à aristocracia, mesmo aquela que tinha apoiado a elevação do Mestre a Rei. Dois cronistas, dois tempos, duas coroas: objetivos diferentes, manifestados através de distintos modelos, que, contudo, acabam por se tocar nas representações das aristocracias.